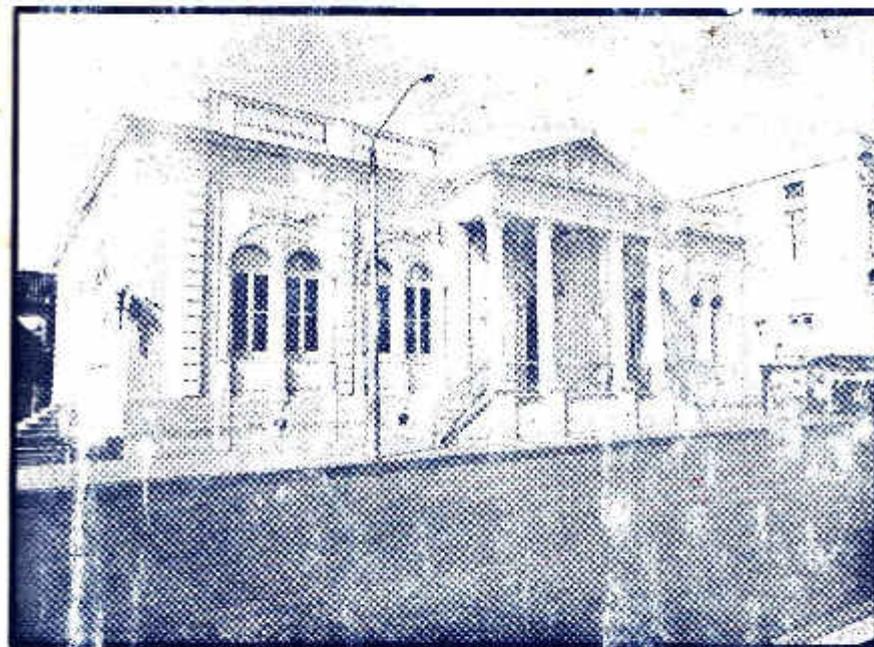


# HISTÓRIA EM REVISTA



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO  
DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

Número 2 - 1996



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

# HISTÓRIA EM REVISTA

Núcleo de Documentação Histórica

UFPel  
Editora Universitária

Pelotas - Número 2 - 1996

Class:	<i>Revista</i>
Registro:	<i>585</i>
Data:	<i>24/03/97</i>
Doação:	<i>Publicações do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel</i>

**Reitor:**

Prof. Antonio Cesar Gonçalves  
Borges

**Vice-Reitor:**

Prof. Daniel Souza Soares  
Rassier

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-  
Graduação:**

Prof. Alci Enimar Loeck

**Pró-Reitor de Extensão e  
Cultura:**

Prof. Francisco Elifalete  
Xavier

**Pró-Reitora Administrativa:**

Prof. Inguelore Scheunemann  
de Souza

**Pró-Reitor de Graduação:**

Prof. Paulo Roberto Soares de  
Pinho

**Pró-Reitor de Planejamento e  
Desenvolvimento:**

Bel. Antonio Leonel da Silva  
Cunha

**EDITORA UNIVERSITÁRIA**

**Diretor:**

Jorn. Fernando de Oliveira Vieira

**Gerente Operacional:**

Bel. Manuel Antonio da Silva  
Tavares

**Planejamento Editorial:**

José Hermínio Barbachã

**Diretor:**

Prof. Sidney Gonçalves Vieira -

**Vice-Diretor:**

Prof. Sebastião Peres

**Núcleo de Documentação  
Histórica da UFPel**

**Coordenação Administrativa:**

Profª Cláudia Mauch

**Coordenadores de Linhas de  
Pesquisas:**

**Quotidiano de Pelotas (e  
Região Sul):**

Profª Fábio Vergara Cerqueira

**Movimentos Populares:**

Profª Beatriz Ana Loner

**Antropologia:**

Profª Flávia Maria Silva Rieth

**Imigração e Gênero:**

Profª Lorena Almeida Gill

**Conselho Editorial:**

Profª Lorena Almeida Gill

Profª Maria Leticia Mazzucchi  
Ferreira

**Técnicos Administrativos:**

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

**Digitação, Composição e  
Diagramação:**

Mara Lúcia Vasconcelos da  
Costa

**Ficha Catalográfica:** Vera Ruth Machado Campelo

---

**História em Revista.** Pelotas: Instituto de Ciências Humanas: Núcleo  
de Documentação Histórica/UFPel, n° 2, 1996, Semestral.

1. Ciências Humanas - Periódico. 2. História - Periódico.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	07
<b>II FORUM DE TEORIAS DA HISTÓRIA</b>	
1. A SEXUALIDADE NO BRASIL COLONIAL .....	09
Luiz Mott	
2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DO TEXTO HISTÓRICO.....	29
Temístocles Cezar	
3. O DIÁLOGO TENSO ENTRE PAUL VEYNE E MAX WEBER.....	47
Adhemar Lourenço da Silva Jr.	
<b>PESQUISAS DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel</b>	
1. O ASSENTAMENTO DA PALMA: a individualização do coletivo.....	65
Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Paulo Mattos, César Reis Gomes, Rodrigo Dias	
2. OS JUDEUS EM PELOTAS.....	85
Lorena Almeida Gill, Jairo Luis Fleck Falcão	
<b>HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA</b>	
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES .....	97
Álvaro Moreira Hypolito	
2. O PODER ATRIBUÍDO À MÚSICA NO IMAGINÁRIO GREGO: SUAS MANIFESTAÇÕES E SUAS FUNDA- MENTAÇÕES CULTURAIS .....	107
Fábio Vergara Cerqueira	

3. FOTOGRAFIA E DOCUMENTO: DUPLICIDADE INALIENÁVEL .....	137
Francisca Michelon	
4. A INDÚSTRIA DE ENERGIA ELÉTRICA EM PELOTAS .....	149
Gunter Axt	
5. NO LIMITE DA VIDA? NOTAS SOBRE VELHICE E MORTE .....	175
Maria Leticia Mazzucchi Ferreira	
6. O ENSINO DA HISTÓRIA: CONCEPÇÕES E METODOLOGIA.....	189
Paulo André Passos de Mattos	
7. O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO DE PALMARES.....	201
Pedro Paulo A. Funari	
<b>ENTREVISTA COM OTÁVIO BRANDÃO .....</b>	<b>209</b>
<b>RESENHAS</b>	
1. Resenha do Livro de GENRO, Tarso. "Utopia possível".....	255
Delamar José Volpato Dutra	
2. Resenha do Livro de Priore, Mary Del. "Festas e Utopias no Brasil Colonial".....	261
Edgar Rodrigues Barbosa Neto	

## APRESENTAÇÃO



O Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL foi criado em março de 1990 tendo como propostas iniciais resgatar e conservar documentos relativos à própria instituição, bem como desenvolver acervo que tivesse como temática organizadora, o movimento operário na cidade de Pelotas. Passados seis anos de sua fundação, o Núcleo ampliou sua abrangência para outras linhas de investigação, contando atualmente com cinco pesquisadores vinculados ao Departamento de História e Antropologia, dois técnico-administrativos e alunos bolsistas, cujas pesquisas tematizam sobre o cotidiano, movimentos sociais, imigração e gênero.

A trajetória que vem trilhando o Núcleo de Documentação nessa sua recente existência mostra sua disposição em abrir-se aos mais variados objetos de investigação, às mais diferentes formas de abordagem do real, concebendo em seu interior profissionais de áreas diversas como historiadores e antropólogos num diálogo extremamente profícuo e contemporâneo que adquire visibilidade na revista que ora trazemos ao público.

**RESENHA DO LIVRO DE**  
**GENRO, TARSO. *Utopia possível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios,**  
**1994. 159p.**

**Por Prof. Delamar José Volpato Dutra (UFSC)**  
**Av. Fernando Osório, 2552/204/C**  
**96055-000 - Pelotas - RS**  
**(0532) 73-3578**

Aristóteles, no seu *Problemata XXX*, afirma que os *peritói*, os excelentes, os melhores na política, fatalmente sofrem de melancolia e esta, nestes homens, engendra a utopia (Apud STEIN, E. *Órfãos de utopia: a melancolia da esquerda*, Porto Alegre: EDUFRGS, 1983, p.35). Pode-se considerar o autor do livro um homem desta natureza. Ele é um dos excelentes na política que, possuído pela melancolia, pensa um *mundo melhor*.

O livro apresenta-se em três grandes capítulos. O primeiro faz uma análise do socialismo realmente existente (um pleonasmos desnecessário), cuja tônica principal é o fenômeno do totalitarismo. O totalitarismo define-se, ao nível epistemológico, pelo dogmatismo, característica que serve também para adjetivar a própria teoria marxista. Este ponto serve ao autor para retirar a principal característica de sua proposta: o falibilismo, a provisoriedade, sumariamente identificada, aqui, com a democracia. Aliás, a obra propõe-se a encarar o fenômeno político numa linha contrária ao radicalismo de esquerda. Uma frase de *Benjamim* traduz bem o espírito da obra: "... este radicalismo da esquerda é justamente aquele a que

como tal não mais corresponde ação política alguma. Ele não se situa à esquerda desta ou daquela orientação, mas simplesmente, de modo absoluto, à esquerda do possível enquanto tal" (*Linke Melancholie*, 1932).

O segundo capítulo faz uma radiografia do capitalismo. A interpretação busca dar conta dos fatores que impediram, ou que paralisaram, a dialética entre forças produtivas e relações de produção proposta por Marx. Tais fatores são a alienação e o fato de o desenvolvimento das forças produtivas não representarem mais potencial emancipador. Além disso, constata o desaparecimento do proletariado clássico, enquanto classe majoritária da sociedade industrial. Entra em cena o trabalho ligado à terceirização dos serviços. A classe proletária clássica perde o status marxista de agente messiânico da nova ordem. Salienta o autor, ainda, o fenômeno do desemprego estrutural.

Cabe observar, neste ponto, um déficit de utopia do autor, cujo adjetivo a ser usado, segundo o espírito do texto, seria impossível. Mas poderia ser proposto ou pensado o fim da sociedade do trabalho. Tal tema foi tratado por *Benjamim*. Referindo a uma concepção positivista do trabalho o autor afirma: "Comparando-se com esta concepção positivista, as fantasias que deram tanto pretexto e zombarias contra Fourier demonstram o seu surpreendente bom senso. Segundo Fourier, o trabalho social bem organizado deveria ter por consequência que quatro luas iluminassem a noite terrestre, que o gelo se retraísse dos pólos, que a água do mar não tivesse mais o gosto de sal e que os animais de rapina se pusessem a serviço do homem" (*Über den Begriff*

*der Geschichte*, 1946, XI). Naturalmente, isto, hoje, se considerarmos o poder da técnica e da ciência, já não é tão fantasioso.

O terceiro capítulo propõe a utopia, cujas proposições centrais podem ser resumidas a três: 1) socialismo democrático ao nível político. Um sistema alicerçado formalmente no voto e concretamente no consenso e na opinião pública, com acento no controle não estatal do estado através da organização da sociedade civil. Com relação a este ponto, faltou ao autor pensar os limites da democracia. Limites dados pela sua própria lógica de funcionamento, cujo resultado, ao avesso, pode ser um Hitler, democraticamente eleito, mas antidemocrático, bem como no fato paradigmático da morte de Sócrates na democracia ateniense. Limites dados por determinações éticas, tais como o direito das minorias, por oposição a uma decisão por maioria; 2) socialismo humanista ao nível filosófico, com acento na liberdade e igualdade (p.86); 3) socialismo não estatal, cuja base deve ser a sociedade civil, estruturado sobre a formação de uma opinião pública discursiva, que deveria levar à formação de um novo senso comum. Em suma, uma sociedade onde o CONSENSO teria a marca maior. Consenso, conceito que no livro aparece 28 vezes, constituindo-se no seu conceito mais importante. A proposta inclui o estado de direito, delimitado pelo controle da sociedade civil (P. 36 e 42). Inclui o mercado (p.61, 132), com expressão da liberdade e como fator mais racional, e porque não, única forma possível de resolução do problema da oferta de mercadoria para suprir as necessidades da sociedade. É imprescindível ressaltar que o mercado estaria sujeito ao controle da sociedade civil, tal como o Estado.

A grande novidade do projeto ora proposto é a sua dimensão consensual, que deveria engendrar, mediante o espaço de uma opinião pública ilustrada, um novo senso comum. A novidade é o assento no que se poderia chamar a peça da engrenagem que não funcionou na teoria marxista da história: a subjetividade, ou seja, o que o autor chama de a base ética da utopia, ou o *sujeito ético* (p.88). Tal dimensão foi também esquecida pelo totalitarismo.

Esse projeto tem, no mínimo, duas pedras no meio do caminho, questões que foram insuficientemente tratadas pelo autor. i) A alienação (p.42, 70, 72, 103, 119). O autor fala de "vontades aparentemente livres" (p.119). Foi este o fenômeno que levou Marx a propor uma racionalidade estratégico-revolucionária, capaz de dar conta desse problema, através dos meios do estado socialista (ditadura do proletariado). Ora, a formação do consenso, da opinião pública, passam necessariamente por esse processo de alienação e da ideologia; ii) o conceito de natureza humana. A citação de Maquiavel (p.84) denota uma gangorra entre um homem que poderia aderir eticamente à utopia e um homem que precisa de um senhor, que precisa da coação do direito, dada a sua natureza perversa. O autor depara-se, portanto, com o mesmo problema da teoria marxista. Como resolver o problema da subjetividade na consecução da utopia.

Genro também digladiava-se entre a ética e a política (no sentido de Hobbes e Weber), como mais um dos desdobramentos deste seu fundamento ético da utopia. A minha tese é a seguinte: as utopias sofrem, por definição, de um déficit de história, de um déficit de concretude. Tal déficit manifesta-se na incapacidade de mediação entre a universalidade do imperativo ético da justiça: igualdade, liberdade,

fraternidade, e a particularidade do desejo, da subjetividade, de uma natureza humana, cuja máscara histórica é marcada pelo egoísmo. A questão é: como, depois de Hegel, pensar a união de ética e política para além do estado liberal de direito?

O grande tema, portanto, é a passagem de um imperativo ético para determinações políticas. No caso de *Utopia Possível*, o adjetivo "possível" é marcado pela restrição e não pela abertura, pelo projeto. O resultado é um reformismo do atual sistema. Reformismo criticado (p.21), mas aceito (p.28, 78). O autor propõe uma utopia, chamada de socialista, que aceita o mercado, apesar de genial e brilhante afirmação da p.89 "a mão do mercado pode ser invisível, mas não é cega nem generosa. Ela vê muito bem e, quando bate, bate fortemente na face do povo". O livro não é capaz de demonstrar como essa proposição que caracteriza a natureza do mercado poderia ser alterado. O livro sugere a possibilidade de controle social do olhar do mercado. A única diferença com relação ao estado de bem-estar social é que as disfunções do mercado seriam corrigidas pela própria correção do olhar do mercado. Minha questão é se o liberalismo, assim corrigido, não se transforma no melhor dos mundos possíveis. Tal proposta resulta de uma "utopia" que nasce mediada pela melancolia que se coloca como somatório do fim das utopias. Essa utopia não é, então, uma utopia do sempre o mesmo reformado? Sendo assim, este mundo não se transforma no melhor dos mundos possíveis, onde o mercado, a violência do estado, são males (meios) necessários para a maior quantidade possível de bem. Reergue-se, politicamente, a estrutura do pensamento da *codicéia* de Leibniz como nova forma de ideologia,

## RESENHA

PRIORE, Mary Del. "Festas e utopias no Brasil Colonial". São Paulo, Brasiliense, 1994.

Edgar Rodrigues Barbosa Neto  
Acadêmico de História ICH/UFPEL

Ao adentrar-mo-nos em um território como esse, referente a história da festa, devemos levar em consideração que só recentemente na historiografia brasileira a festa tornou-se, com plenos direitos, objeto de estudo. Todavia, hoje ela é, seguramente, objeto da História. Não podemos deixar de apontar que isso se deve a um "duplo estímulo: do folclore e da antropologia". "Por frequentar um e outro campo, o historiador aprendeu a levar em consideração a armadura que a ritualização dá a existência humana", ou seja, ele passou a considerar como pertinente todo e qualquer estudo que tenha como incidência a análise de ritual. (Ozouf, 1988:217). É justamente do estudo de um ritual que nos fala a autora, estudo de um espaço ritualístico frequentado por membros de diferentes segmentos sociais constituintes da antiga sociedade colonial, a festa.

O historiador ao adicionar a seu instrumental teórico novos objetos, no caso, a festa, depara-se com um problema fundamental, qual seja, a problematidade das fontes, quer dizer, como atingir a forma pela qual a cultura das classes subalternas significavam a festa, já que grande parte da documentação provém quase que exclusivamente de uma escrita solene, oficial? Mary del Priore tem